

O PORTO DE PILOS E A BAÍA DE NAVARINO,  
TUCÍDIDES E O CORONEL LEAKE: *AKRÍBEIA*  
ANTIGA MAIS CRÍTICA MODERNA E AS  
TEMPORALIDADES DA HISTÓRIA  
TUCIDIDEANA

Francisco Murari Pires  
[FFLCH-USP]

RÉSUMÉ

Prenant en considération les procédures d'ordre exégétique proposées par la critique moderne dans le but de résoudre les problèmes textuel supposés par les renseignements donnés par Thucydide à propos de la campagne de Pylos, l'article propose quelques avertissements sur la confusion entre les conceptions de temps historiographique moderne et ancienne ainsi impliquées.

*Mots-clés:* histoire, Thucydide, méthode critique, colonel Leake, le port de Pylos.

Sétimo ano da Guerra do Peloponeso (425/4 a.C.), primavera, algo antes do pleno amadurecimento do trigo, quando os espartanos iniciavam mais outra campanha anual de devastação dos campos da Ática, eis que os atenienses ocuparam a localidade de Pilos, um promontório ao norte das costas da Messênia, ali estabelecendo uma fortificação.

Esparta, reconhecendo a gravidade do ocorrido, que ameaçava desestabilizar uma área de fundamental importância para o Estado lacedemônio – sede de exploração de terras agrárias e suprimento de trabalho servil hilota –, dispôs-se a obstar aquele empreendimento bélico. Armou uma expedição a fim de desalojar os invasores. Para tanto, haveria que impedir o even-

tual reforço que a frota ateniense, reconhecidamente superior à peloponésia, pudesse prestar aos incômodos ocupantes.

Defronte ao promontório de Pilos, ao longo de toda a área naval que se abre ao sul, estendia-se a ilha de Esfactéria, constituindo uma barreira natural que reduzia o acesso a apenas duas entradas, uma ao norte e outra ao sul, pelos canais formados entre os extremos da ilha e as costas continentais. Os espartanos tencionavam bloquear, por meio de um enfileiramento cerrado de seus navios com as proas voltadas para o mar largo, essas duas passagens, obstando assim a aproximação da frota ateniense.

O projeto bélico, diz Tucídides, era plenamente factível, dada a estreiteza daquelas passagens, pois, pelo canal norte não cruzavam mais do que dois navios e, pelo sul, no máximo oito ou nove (IV.8):

“...os lacedemônios projetavam, caso não tomassem o local antes [da chegada] dos navios [atenienses], bloquear as entradas do porto, de modo a impossibilitar aos atenienses adentrarem e ancorarem diante deles. Com efeito, a ilha denominada Esfactéria, que se estende nas proximidades ao longo do porto, torna o porto seguro e suas entradas estreitas: aquela junto à fortificação ateniense e Pilos dá passagem para dois navios, e a outra, no outro extremo em direção ao continente, oito ou nove”<sup>1</sup>

Por toda a Antiguidade jamais se conscientizou qualquer advertência crítica que apontasse, no relato tucidideano, algum tipo de erro ou equívoco cometido pelo célebre historiador. Em particular, mesmo os geógrafos antigos que descreveram os locais que compuseram o cenário daquele episódio bélico, nada registraram a contestar os informes dados por Tucídides.<sup>2</sup>

Tudo mudou por inícios do século XIX.

William Martin Leake vinha, há já alguns anos, sendo destacado para missões militares com que o governo de Sua Majestade britânica buscava reagir contra as aspirações expansionistas francesas lançadas pela invasão napoleônica do Egito, naquela ocasião uma província otomana. Primeiro, entre 1799 e 1800, fora destacado para operações na Ásia Menor. Ao ensejo de um de seus percursos pela região, cuidou de copiar uma inscrição tumular com que se deparara no caminho: primeiro feito de investigador antiquário,

1. Seguimos a tradução elaborada por P. J. Rhodes (1998: 44-45), a qual justamente consagra em sua frase final a correção textual que inclui a referência a estádios (“oito ou nove <estádios>”).

2. Confirmam-se as indicações dadas por Pritchett (1994: 158) e por Gomme (1956: 486).

de que posteriormente manifestaria enorme satisfação.<sup>3</sup> A seguir, entre 1801 e 1802, atuara no Egito, quando travou amizade com o secretário particular de Lord Elgin, William Richard Hamilton: novamente conjugou, a seus encargos oficiais, outros interesses, estes imantados pela recuperação dos vestígios da Antiguidade. Estava a bordo do *Mentor*, o navio de Lord Elgin que voltava da Grécia com um de seus carregamentos de mármore do Partenon, quando do naufrágio ao largo de Citera em 1802, cujas perdas o alcançaram pessoalmente, pois, junto com os mármore, afundou também seu diário contendo os apontamentos da viagem ao Egito: os marmores foram depois resgatados, mas o diário, permaneceu irrecuperável no fundo do mar.

Então, fins de 1804, outra missão, cujo plano estratégico visava a antecipadamente organizar a defesa da região contra as ameaças de novos ataques franceses pelo Mediterrâneo oriental. Leake deveria, entre outras tarefas, “realizar explorações militares que dessem atenção especial à geografia da Grécia”<sup>4</sup>, onde viria a permanecer pelos próximos seis anos, percorrendo o país por seus vários cantões. Em fevereiro do ano seguinte, desembarcou na Moréia, e a 27 de abril de 1805 visitou Navarino. Como companhia, levava os textos dos autores clássicos, especialmente Tucídides para o porto de Pilos e a ilha de Esfactéria.

As águas de Pilos nunca mais foram calmas depois que a passagem do coronel Leake por Navarino fez revirar as páginas de Tucídides. Sucederam-se missões de autópsia crítica a esquadrihar detalhadamente a topografia local. Por lá passou o capitão W.H. Smyth a serviço do Almirantado de Sua Majestade, por cujo relato<sup>5</sup> Thomas Arnold provê os informes com que fundamentaria sua alentada obra, iniciada em 1830, de edição e comentários do texto tucidideano. Em 1865, nova missão do Almirantado britânico, de que resulta mais outra *Bay of Navarin*, agora assinada pelo capitão A. L. Mansell.

Na década de 1890, são já os eruditos acadêmicos que assumem tais encargos, então notadamente acirrados ao ensejo da polêmica que opõe G.B. Grundy (University of Oxford) a R.M. Burrows (Glasgow University): o primeiro percorreu o local por quinze dias (de 4 a 18 de agosto de 1895), a garantir-lhe um conhecimento de cuja precisão estava tão mais certo e seguro quanto exaustiva e minuciosa fora sua autópsia<sup>6</sup>; já o segundo o fez por uma sema-

3. Speake, *The Literature of Travel*, p. 7.

4. M. Ras, *William Martin Leake*, p. 2.

5. *Bay of Navarin*, primeira edição datada de 1820.

6. “Such then is the result of a fortnight’s close investigation of the ground whereon the events which Thucydides describes in the earlier half of his fourth book took place. The writer can say with confidence what he was able to say of the field of Plataea – that he knows the ground better than he knows any area of equal size in his own country. That such is the

na, outono desse mesmo ano, igualmente reclamando os méritos de uma apreciação consistente pelos modos empíricos por que primara seu exame<sup>7</sup>.

Assim lançada pela tradição acadêmica dos estudos clássicos do século XIX, a topografia de Pilos e Esfactéria passou a configurar um nexa temático de exegese crítica historiográfica do texto tucidideano, particularmente articulada às descobertas das explorações empíricas modernas. Adentrou-se o século XX, e mais outras tantas reavaliações refiguraram a história da campanha ateniense de 425, de que cabe destacar os estudos de: G.B. Grundy em 1948 (*Thucydides and the History of his Age*); A.W. Gomme em 1956 (*A Historical Commentary on Thucydides*); W.K. Pritchett em 1965 (*Studies in Ancient Greek Topography*) e em 1994 (*Essays in Greek History*); J.B. Wilson em 1979 (*Pylos 425 BC. A Historical and Topographical Study of Thucydides' Account of the Campaign*); R.A. Bauslaugh em 1979 (*Thucydides IV. 8.6 and the South Channel at Pylos*); D. Babut (*L'Épisode de Pylos-Sphactérie chez Tucydide: l'agencement du récit et les intentions de l'historien*); R.B. Strassler em 1988 (*The Harbor at Pylos, 425 BC*) e em 1990 (*The Opening of the Pylos Campaign*); S. Hornblower em 1996 (*A Commentary on Thucydides*).

Contra as afirmações do relato tucidideano que retrataram aquele fato histórico, a autópsia topográfica moderna do cenário em que o mesmo se desenrolara instaurou perplexidades. Para o que Tucídides nomeara como “porto (*limén*) de Pilos”, a percepção geográfica moderna constatava antes uma “baía de Navarino”. O historiador dera a extensão em comprimento da ilha de Esfactéria como sendo de quinze estádios, avaliáveis em cerca de 2775m, mas na realidade ela mede, de um extremo a outro, 4440m, o que daria, de fato, cerca de 24 a 25 estádios. Constatação ainda mais estarrecedora respeitava aos dois canais que davam acesso ao porto/baía, objeto do tencionado bloqueio por que Esparta conformava os cuidados de sua estratégia de cerco do forte ateniense: efetuadas as medidas das duas passagens, verificou-se que ambos os canais são mais largos do que o suposto pelo informe do historiador

case is not due to any peculiar conscientiousness in the conduct of the inquiry, but to the stern necessity which nature lays on one who would survey her face on a scale of eight inches to the mile. That necessity is such that, were the area mapped to be divided into squares of one acre each, it is extremely unlikely that any of them would have remained untraversed by the surveyor, and many of them would have been traversed several, and no small number of them many times. The result is a knowledge of ground which can not be obtained by any other means (*The region of Sphakteria...*, p. 41).

7. “I can only ask Mr. Grundy and the reader to remember that I spent more than forty hours exploring the ground, and that, as survey work was unhappily out of the question, I had thus ample time to form an opinion on the topography of what is after all a very limited area” (*Pylos and Sphakteria*, p. 55).

ateniense, pois pelos cerca de 137m do canal norte passam mais do que duas naus antigas, e pelos 1280m do canal sul, mais do que oito ou nove, de modo que nem mesmo enfileirando-se toda a esquadra pelo ponónia de 40 navios se conseguiria cerrar as linhas de bloqueio!<sup>8</sup>

Tucidides se equivocara! Erro de imprecisão no informe de realidade factual imperdoável para historiador cujo preceito metodológico maior, justamente celebrado, fora o exame pautado pela *acribia* a que submetera seus dados historiográficos. Arruína-se, então, a fama secular de sua competência, especialmente metodológica, modelo de objetividade e de precisão factual.

Pela obra da crítica historiográfica moderna, duas vias exegéticas foram então abertas, por elas intentando-se superar os equívocos tucídideanos: por um lado acertou-se a topografia e, por outro, consertou-se o texto.

Para a topografia, buscaram-se paisagens locais de reentrâncias litorâneas que tanto melhor configurassem um porto do que baía e, sobretudo, também se adequassem às medidas mais estreitas viabilizadoras do plano de bloqueio espartano. O cenário de operações em Pilos e Esfactéria foi, pois, deslocado pelas reconstituições modernas para paragens mais a norte: mantido o canal de Sikia a sul, seu complementar norte foi situado ou pelas rochas Tortori<sup>9</sup> ou pela baía de Voidokoilia<sup>10</sup>. Acertos topográficos que suscitam, por corolário, toda uma série de projeções especulativas, as quais intentam equacionar as

8. Confirmam-se as indicações dadas por S. Hornblower (*A Commentary on Thucydides*. V. 2, Clarendon Press, 1996, p. 159-160).

9. "The water enclosed between Boidia Koilia and this southern bank become the harbor itself, the northern entrance is still through the Sikia Channel, but the southern entrance passes between the east coast of Sphacteria and the Turtori rocks, or the Sphagia shoal. The right proportions of distance can be secured, and both entrances could, so far as breadth goes, have been blocked up. Moreover, the lanlocked harbor thus formed far better represents the Greek idea of λιμὴν than the huge and stormy bay which we have otherwise to suppose to be the one mentioned in the text" (Burrows, *Pylos and Sphacteria*, p. 71); "A preferable location for Thucydides' harbor at Pylos has been overlooked. It is not without difficulties, but it conforms more closely to the text and does not require Thucydides to have made major errors. It is the cove marked "A" on Figure 2, off the southeast corner of Pylos, at the eastern end of the Sikia channel. Its narrow entrance is the channel between the Tortori Rocks and the sandbar shoal, its wide one the throat of the Sikia channel" (R.B. Strassler, *The Harbor at Pylos*, p. 198-119).

10. "The difficulty raised by this passage is so great that one is tempted to dismiss it with the remark that Thucydides has made a serious mistake, and that for historical purposes this statement of his with regard to the blocking up of these channels must be ignored. That there is a mistake is certain. The question is (1) It is historical or topographical? (2) What is its magnitude? Were there absolutely nothing in the topography of the locality to support the statement in any way, it would be necessary, taking the whole history of the operations into consideration, to acquiesce in the view of those who would ignore it. But how can we so

realidades factuais do acontecimento, assim ambicionando superar os correspondentes equívocos acusados no relato de Tucídides. A práxis historiográfica moderna realiza então, aos ensejos desses seus exercícios de exegese crítica, o dito *rankeano* de narrar “o que de fato ocorreu”<sup>11</sup> em Pilos, assim consumando, mais de dois milênios depois, uma espécie de avatar de um destino historiográfico, todavia, originariamente tucidideano.

Para o texto, a saída foi encontrada mais recentemente, em artigo de Bauslaugh. Haveria apenas que conjecturar uma correção textual, para que assim se conciliasse a positividade do relato: leia-se, referenciado naquela passagem tucidiana, não *navios*, mas sim *estádios*, termo lá originariamente presente, mas que algum copista descuidado inadvertidamente obliterara. Adotando-se para este padrão de medida seus valores mínimos, entre 130 a 150m, harmonizam-se ambas as ordens de realidades, constatações de medidas empíricas modernas, de um lado, e informes historiográficos tucidideanos, de outro: dois estádios para o canal norte dá entre 260 a 300m, contra os 137m medidos, e oito/nove para o sul dá entre 1040 a 1200m, contra os 1280m medidos. A tese do articulista logo ganhou o endosso das mais recentes autoridades, sejam as dedicadas à crítica da obra tucidideana - quer Simon Hornblower<sup>12</sup>, quer Peter J. Rhodes<sup>13</sup> – sejam as mais voltadas para os estudos

acquiesce when we have in the entrance of the Bay of Voithio-Kilia and the Sikia channel two channels which correspond to all intents and purposes with those to which Thucydides refers? That the exact truth of the statement as to the number of ships required to block them would be in any case open to doubt will be admitted, but that Thucydides believed the channels to be exceedingly narrow is, of course, evident. The entrance to the Voithio-Kilia is 172 yards broad, but the fair-way has only a breadth of some a 140 yards... The Sikia Channel is a 132 yards broad... After seeing the locality it is not possible to doubt that these are the channels to which Thucydides refers” (Grundy, *The region of Sphacteria and Pylos*, p. 21); “Since Grundy’s suggestion for a second ἔσπλους to the south-east of Pylos has been shown by Pritchett to be baseless, we may either pick the entrance to Vidokoilia Bay as the second ἔσπλους ... The Voidokoilia entrance is approximately 120 yards wide... The Sikia Channel is approximately 110 yards wide. ... These measurements fit Thucydides figures almost exactly” (Wilson, *Pylos 425*, p. 76-78).

11. “There is no cause for supposing that the facts above stated are wrong, but it is impossible to believe that the story as told gives a true idea of what really happened” (Grundy, *The region of Sphacteria and Pylos*, p. 31). Confirmar-se, nesse sentido, os trabalhos de J.B. Wilson (*Pylos 425 BC*) e os de R.B. Strassler, especialmente seu artigo *The opening of the Pylos campaign*.

12. “R.A. Bauslaugh offers an ingenious solution which would save Thucydides’ credit: he suggests that the text is at fault and the word <σταδίων> has dropped out after ὀκτώ ἢ ἐννέα. That is, what Thucydides meant was that the distance across the south channel was ‘eight or nine stades’. Bauslaugh theory was endorsed by Pritchett... and I accept it as the best way out” (*A Commentary on Thucydides*, v. II, p. 159).

13. “Since in general Thucydides is well informed on the topography of this campaign, it is more likely that an early scribe made a copying error than that Thucydides seriously underestimated the width of the southern passage, and we should therefore insert “stades”

topográficos da Grécia antiga, especialmente pelo abalizado posicionamento de W. Kendrick-Pritchett<sup>14</sup>.

O crédito metodológico de Tucídides fora então salvo, bem como, consoantemente, preservada sua fama historiográfica! Por esses dois séculos de exegese crítica moderna, acertou-se a topografia e, por ela, o fato e sua história; também consertou-se o texto e, por ele, preservou-se o historiador conservando sua fama.

Todavia, por tais zelosas intervenções da crítica moderna, em seu afã de tanto depurar as inconsistências do texto tucidideano quanto de justamente apurar os fundamentos de seu prestígio, intrigou-se irônica peripécia, a produzir resultado justamente contrário ao desígnio originariamente almejado. Pois, assim entendendo que Tucídides teria referido *estádios* e não navios, a hermenêutica da crítica exegética daquela passagem diria que o célebre historiador, querendo significar que era pela estreiteza daqueles dois canais que se viabilizava a consecução do plano espartano de sua barragem, o fazia, entretanto, especificando-a por referência às medidas mais largas, as quais, todavia, inviabilizariam o bloqueio. Em suma, o historiador, pretendendo afirmar a estreiteza, informava a largueza!

Ao assim intentarmos salvar a consistência positiva dos dados por que prima a competência historiográfica de Tucídides, arruinamos, entretanto, em contrapartida, sua melhor inteligência.

Esta última consideração, cujo alcance argumentativo se volta contra a persistência de certos procedimentos exegéticos da hermenêutica historiográfica moderna ainda recente, é tanto mais significativa quanto, paradoxalmente, ela não constitui reflexão inovadora. Pelo contrário, fora já conscientizada pela própria crítica desde o princípio. Assim, Thomas Arnold a vislumbrara em seus comentários da década de 1830, como claramente o adverte George Grote em sua obra: “Colonel Leake supposes that Thucydides was misinformed as to the breadth of the southern passage; but dr. Arnold has on this point given a satisfactory reply – that the narrowness is not merely affirmed in the numbers

with the “eight or nine” on which all our manuscripts agree, implying a stade of 130-150m, at the lower end of his range for the stade; that gap could not be totally filled but could be effectively blockaded by the number of ships available to the Spartans in a tighter-than-normal formation” (*Thucydides, History IV.1-V.24*, p. 212-213).

14. “...R.A. Bauslaugh offered a solution which seems to me highly preferable to an assumption that the historian erred in an account so detailed and one bespeaking autopsy. Bauslaugh proposed the following text with the addition of one word, *σταδίων* ...It seems much more likely that Thucydides would have estimated stades rather than the Spartans estimated ships” (*Essays in Greek History*, p. 167-168).

of Thucydides, but is indirectly implied in his narrative, where he tells us that the Lacedaemonians intended to choke up both of them by triremes closely packed. Obviously this expedient could not be dreamt of, except for a very narrow mouth”.<sup>15</sup>

Por quais razões e intentos epistemológicos a crítica moderna assim persistiu em torcer seus (des)entendimentos na leitura dessa passagem tucididiana não constitui, tampouco, qualquer mistério. Na questão da apreciação de uma narrativa exata do fato jogava-se toda a fama da metodologia historiográfica firmada pela autoridade do nome de Tucídides. Teria o historiador antigo praticado os preceitos de averiguação crítica dos informes recolhidos respeitantes aos acontecimentos narrados, consoante os preceitos propostos por ele mesmo em seu célebre “lógos metodológico”? Conhecia ele (porque presenciara por observação pessoal ou porque verificara por investigação crítica) a realidade do cenário topográfico em que os mesmos se desenrolaram? Pois, em decorrência dessa autópsia, ou de sua falta, bem se poderiam arrazoar as justificações ou dos equívocos<sup>16</sup> ou, pelo contrário, das precisões informativas que o texto ou revelasse ou, pelo menos, supusesse. Uns, porque reconheciam os equívocos, asseveraram que Tucídides jamais esteve em Pilos. Outros, pelo contrário, porque acertaram os informes do texto,

15. *A History of Greece*, v. VI, p. 327. Confira-se, igualmente, a observação nesse mesmo sentido assinalada por Burrows: “...whereas a textual alteration in the number of ships that could sail abreast through the southern entrance would make the remark about the barrin up of the harbour even more obviously unintelligible that it now is” (*Pylos and Sphacteria*, p. 76). Em termos de uma advertência genérica, também Gomme apontara o problema: “Attempts have been made to explain away Thucydides’ mistakes by forcing his word to a meaning which he clearly did not intend and which generally result in making him guilty of other mistakes instead” (*A Historical Commentary on Thucydides*, v. III, p. 485).

16. “Any one who has seen the neighbourhood of Pylos can have no reasonable doubt that Thucydides had never been there himself. In spite of the amount of topographical detail which he gives, that detail is all second-hand. Not merely is this shown by the obvious errors which are present... The suggestion may be an injustice to the historian, but it is an injustice to which he exposes himself by a manifest lack of that careful inquiry after historical truth which he himself claims to have instituted with regard to the events which he relates” (Grundy, *The Region of Sphacteria and Pylos*, p. 21 e 47). Similarmente: “It is clear that while Tucidides had gathered as much detail about the topography as possible when collecting information about the events of the campaign, he had not been to Pylos himself, and blunders, due primarily to a misunderstanding of what he had been told, were therefore left uncorrected. It is not surprising that he had little opportunity for going there; for, even if he travelled freely, after his exile, in the Peloponnese, so long as Athens held Pylos (till 409 B.C.) he could not reach it or Sphacteria, and it would have been dangerous to go very near” (Gomme, *A Historical Commentary on Thucydides*, v. III, p. 484).



estavam convictos<sup>17</sup> de que Tucídides por lá estivera. Quer num caso quer noutro, asserções modernas cuja (in)consistência argumenta apenas por recursos de retóricas tautológicas.

A moderna tradição do pensamento historiográfico põe em jogo, assim, por sua análise de crítica exegética textual, a sorte da *akríbeia* tucidideana, então aferida em sua consistência e coerência enquanto procedimento de reconstituição factual. Mas há homologia entre *crítica moderna* e *akríbeia antiga*? São pelas determinações da razão que comanda as configurações operativas dessa *crítica* que a *suggraphé* tucidideana alcança a virtuosidade de sua *akríbeia*? Podemos reconhecer, na singular obra historiográfica de Tucídides, as realizações (antecipadas) da epistemologia científica de (nossa) História fundamentada em uma metodologia de averiguação crítica dos relatos factuais?<sup>18</sup>.

Certamente que podemos nós, modernos, coordenar uma leitura do texto tucidideano, pela qual identifiquemos em sua obra a presença dos princípios

17. “My belief is that Thucydides was employed at the time not in Thrake, but was engaged in the affair at Pylos, one of the events  $\delta\upsilon\varsigma\ \tau\epsilon\ \alpha\nu\tau\delta\varsigma\ \pi\alpha\rho\eta\eta\nu$ . The record is filled with details. Such phrases as “the dust from the newly-burned forest rose in clouds to the sky” (4.34.2) strongly suggests his presence. If not in the original expedition, it would seem highly probably that he was in the second...Thucydides must have distinguished himself in 425 to merit election to the generalship in 424/3. Whether in the first or second expedition, he knew the region well. The difficulty with many reconstructions of the topography is that, assuming that Thucydides was convicted of one error, and hence had not visited the region, authors felt free to assume other errors at will to accommodate some new reconstruction” (Pritchett, *Essays in Greek History*, p. 174-5).

18. A concepção de *crítica* enquanto instância de operação metodológica que inaugura e fundamenta a tradição moderna do pensamento historiográfico é analisada extensivamente por Reinhardt Koselleck (obras citadas na Bibliografia). Para a noção de *akríbeia*, especialmente em sua referência tucidideana, vejamos os estudos de M. Trédé (1983) e, mais recentemente, Gordon Shrimpton (1998). Tal aproximação conceitual que enquadra a *akríbeia* antiga pelos horizontes epistemológicos da *crítica* moderna depara-se com ainda outras aporias hermenêuticas, particularmente tendo em vista a ambigüidade de entendimento da crucial frase tucidideana que a ela se reporta: quando expõe os procedimentos por ele adotados para a reconstituição das ações que haviam sido praticadas na guerra (1.22.2-3), Tucídides menciona a dualidade de fontes informativas que a condição da presença cognitiva então implicara, assim aludindo a acontecimentos presenciados por ele mesmo ou a informes de acontecimentos presenciados por outros (“*aqueles ações que eu próprio presenciei e também junto a outros obtendo com tanta exatidão quanto possível a respeito de cada uma...*”), não se podendo decidir inquestionadamente se a incidência da operação de exame por *akríbeia* respeita a ambas essas instâncias observacionais dos acontecimentos (incluindo as feitas pelo próprio Tucídides) ou se mais restritamente aos informes de outros observadores. Nesse sentido, confira-se o extenso e minucioso exame crítico dessa questão por Guido Schepens (1980) que, passando em revista todo o leque de soluções vislumbradas para a hermenêutica dessa passagem, se vê obrigado, ao final de seu delongado estudo, a reconhecer ainda a permanência do impasse. Ambigüidade de

epistemológicos mais consoantes com procedimentos metodológicos constitutivos de (nossa) ciência histórica:

1. trata-se de um saber narrativo distinguido pela certeza objetiva de suas verdades factuais, em que os acontecimentos históricos transparecem discursivamente revelados na clareza mesma de sua própria realidade:

*...de fato era impossível apreender com clareza os acontecimentos anteriores...* (I.1.3)<sup>19</sup>;

*...para quem observa a partir dos fatos mesmos ela revelará...* (I.21.2)<sup>20</sup>;

*...a quantos desejarem observar com clareza os acontecimentos ocorridos...* (I.22.4)<sup>21</sup>;

*...e acerca de muitos outros fatos, ainda mesmo atualmente vigentes e não apagados pelo tempo, os outros helenos também não concebem corretamente...* (I.20.3)<sup>22</sup>;

*...com base nos indícios enunciados, não erraria quem julgasse os fatos, de modo geral, assim tais como eu os considerei...* (I.21.1)<sup>23</sup>;

2. um saber, assim distinguido pela auréola da veracidade factual cristalina, que exigiu de seu sujeito humano todo um enorme trabalho, bem penoso, de pesquisas e investigações críticas, que ele empreendeu sempre diligente e atento para compô-la com primorosa exatidão factual:

*...as pessoas acolhem as tradições acerca dos acontecimentos passados, mesmo no caso em que elas sejam de sua própria terra, igualmente sem exame quando as acolhem junto a outros...* (I.20.1)<sup>24</sup>;

*...mas, pelos indícios de cujo extenso exame cheguei a uma convicção...* (I.1.3)<sup>25</sup>;

*...assim desleixada é a investigação da verdade pela maioria das pessoas que se inclinam antes para a versão corrente...* (I.20.3)<sup>26</sup>;

entendimentos que também se reflete nas alternativas diferenciadas de tradução propostas, por exemplo, por, de um lado, Jacqueline de Romilly (“ou bien j’y assisté moi-même, ou bien j’ai enquêté sur chacun auprès d’autrui avec toute l’exactitude possible”, 1968: 15) ou, de outro, Michel Casevitz (“mais ce sont celles auxquelles j’étais moi-même présent et j’ai abordé chacune en recourant à autrui, avec toute l’exactitude possible”, 1999: 83).

19. “...σαφῶς μὲν εὐρεῖν...”

20. “...ἀπ’ αὐτῶν τῶν ἔργων σκοποῦσι δηλώσει...”

21. “...τῶν τε γενομένων τὸ σαφὲς σκοπεῖν...”

22. “...ὀρθῶς οἶονται...”

23. “...οὐχ ἁμαρτάνοι...”

24. “...τὰς ἀκοὰς τῶν προγεγενημένων...ἀβασανίστως...δέχονται...”

25. “...ἐκ δὲ τεκμηρίων ὧν ἐπὶ μακρότατον σκοποῦντι μοι...”

26. “...ἢ ζήτησις τῆς ἀληθείας...”

...**penosamente** as apreendi... (I.22.3)<sup>27</sup>;

3. uma pesquisa que, primeiro, institui uma heurística determinada pelo princípio da presença cognitiva, de modo a estabelecer os informes dos fatos pelo critério da contemporaneidade de seus testemunhos observacionais dos acontecimentos:

...quanto às **ações praticadas na guerra, preferi registrar não a partir de informes ocasionais e nem por minha apreciação, mas sim por aquelas a que eu próprio presenciei e também junto a outros obtendo a respeito de cada uma...** (I.22.2)<sup>28</sup>;

4. uma história que fundamenta suas operações de razão analítica em um princípio de crítica a que submete os informes relatados, assim testando e verificando sua veracidade por zelos rigorosos de acuidade comprovadora:

...era difícil rememorar a **exatidão mesma das coisas ditas...**foi assim como me pareceria quais seriam as coisas especialmente apropriadas que cada uma das partes discorreria acerca de cada uma das situações presentes, que os formulei, atendo-me o mais próximo da proposição total das coisas efetivamente ditas... (I.22.1)<sup>29</sup>;

...mas sim por aquelas a que eu próprio presenciei e também junto a outros **obtendo com tanta exatidão quanto possível a respeito de cada uma...** (I.22.2)<sup>30</sup>;

5. uma crítica de veracidade dos informes dos acontecimentos que se efetua por meio de operações de indiciamento comprovador, assim apurando e depurando a autenticidade de suas asserções:

...mas, pelos **indícios** de cujo extenso exame cheguei a uma convicção... (I.1.3)<sup>31</sup>;

...tais foram os tempos antigos como os apreendi, dadas as dificuldades que eles apresentam de se confiar **em toda série de indícios...** (I.20.1)<sup>32</sup>;

...**com base nos indícios** que foram enunciados, não erraria quem julgasse os fatos, de modo geral, assim tais como eu os apreendi... (I.21.1)<sup>33</sup>;

...entendo, todavia, **com base no que são os sinais mais evidentes** em se tratando dos tempos antigos, que foi suficientemente bem determinado... (I.21.1)<sup>34</sup>;

27. “...ἐπιπόνως δὲ ἠύρισκετο...”

28. “...τὰ δ’ ἔργα τῶνπραχθέντων...γράφειν...οἷς τε αὐτὸς παρῆν καὶ παρὰ τῶν ἄλλων...ἐπεξελθών...”

29. “...τὴν ἀκρίβειαν αὐτὴν τῶν λεχθέντων...”

30. “...ὅσον δυνατὸν ἀκριβεῖα περὶ ἑκάστου ἐπεξελθών...”

31. “...ἐκ δὲ τεκμηρίων...”

32. “...παντὶ ἐξῆς τεκμηρίω...”

33. “...ἐκ δὲ τῶν εἰρημένων τεκμηρίων...”

34. “...ἐκ τῶν ἐπιφανεστάτων σημείων...”

6. saber histórico, portanto, que configura a constituição de uma ciência objetiva, firmada contra as viciosidades das tradições míticas, as quais sacrificam, e mesmo falseiam, a verdade de seus relatos por objetivos outros, antes espúrios:

*...tais foram os tempos antigos como os apreendi... (I.20.1)<sup>35</sup>;*

*...com base nos indícios enunciados, não erraria quem julgasse os fatos, de modo geral, assim tais como eu os considere, e não confiasse nem no que a seu respeito os poetas celebraram tendo antes em vista adornos engrandecedores, e nem no que os logógrafos compuseram tendo em vista antes o que é mais do agrado do auditório ao que é mais verdadeiro, dado que eles são incomprováveis e, na sua maioria submetidos ao tempo, inconfiáveis em razão do caráter mítico adquirido... (I.21.1)<sup>36</sup>;*

*...penosamente as apreendi... (I.22.3)<sup>37</sup>;*

*...e para o auditório, talvez, o caráter não mítico dos fatos parecerá menos agradável. Mas, a quantos desejarem observar com clareza os acontecimentos ocorridos, e também os futuros que então novamente, conforme o modo humano, ocorrerão semelhantes ou análogos, julgarem tais coisas úteis, será o bastante. Constituem uma aquisição para sempre, antes do que uma peça para o auditório da ocasião... (I.22.4)<sup>38</sup>.*

Uma tal operação de leitura, assim voltada para reconhecer na obra de Tucídides as declarações reveladoras dos princípios e dos preceitos que configurem seu “programa metodológico”, procede, evidentemente, por meio de operações analíticas de fragmentação textual. O discurso tucidideano é, assim, desintegrado, segmentado, por uma série de recortes que atomizam suas significações, consoante as concepções epistemológicas e historiográficas então nele identificadas como projeção. A análise, pois, transita dos nexos conceituais antigos, tucidideanos, (*heurein, zetein, basanizein, epexerchomai, akribeia, aletheia, saphes, orthos, hamartanein, mythodes, tekmerion, semeion*)<sup>39</sup>, para seus correspondentes modernos (examinar, observar, verificar, testar, provas, evidências, indícios, verdade, objetividade, exatidão, precisão, correção, erro). Por um tal jogo de correspondências assim estabelecidas entre estas duas ordens de formulações conceituais, dá-se por suposto e assumido que se tratem de dois sistemas homólogos de escrita historiográfica com equivalentes procedimentos de conformação metodológica.

35. “...τοιαῦτα ἤυρον...”

36. “...ἃ διήλθον...οὔτε ὡς ποιηταὶ ὑμνήκασι περὶ αὐτῶν ἐπὶ τὸ μείζων κοσμοῦντες...οὔτε ὡς λογογράφοι ξυνέθεσαν ἐπὶ τὸ προσαγωγότερον τῆ ἀκροάσει ἢ ἀληθέστερον...ἐπὶ τὸ μυθῶδες ἐκνευκτικότερα...”

37. “...ἐπιπόνως δὲ ἠύρισκετο...”

38. “...τὸ μὴ μυθῶδες αὐτῶν...τῶν τε γενομένων τὸ σαφὲς σκοπεῖν...”

39. εὐρεῖν, ζητεῖν, βασανίζειν, ἐπεξέρχομαι, ἀκρίβεια, ἀλήθεια, σαφές, ὀρθῶς, ἀμαρτάνειν, μυθῶδες, τεκμηρίον, σημεῖον.

Assim, supomos e projetamos para a *suggraphe* tucidideana a nossa categorização moderna de temporalidade histórica, unívoca e homogênea, implicada pela (nossa) consciência (moderna) de que o objeto da História respeita simplesmente ao passado, quando o Proêmio de Tucídides trabalha antes com uma dualidade antitética de categorias temporais, passado e presente. Permitimo-nos, então, extrapolar consequências (tucidideanas) por meio do entrecruzamento de todas suas declarações metodológicas, entremesclando em um único sistema assertivo o que originariamente, pela retórica discursiva do Proêmio, constituíam argumentações ou dissociadas ou mesmo contrapostas entre si, justamente na medida em que tinham por referência ou o tempo passado, aquele respeitante às tradições antigas, ou o tempo presente, este demarcado pela ação que a guerra entre peloponésios e atenienses configura.<sup>40</sup>

Todavia, assim fragmentado o texto, corremos o risco de perder o alcance das significações discursivas de seus nexos conceituais mesmos, antes apreensíveis na integridade plena de suas tramas de arrazoado argumentativo. Deformação hermenêutica de nossa leitura tanto mais grave porque oblitera, ao irrelevar ou ignorar, a singular arquitetura do prólogo tucidideano, toda ela estruturada por um jogo de nexos contrapositivos – sejam eles antíteses, variações, quiasmos ou paralelismos – que Tucídides retoricamente elabora para formular seus pensamentos.

No centro mesmo dessa retórica discursiva arquitetada por Tucídides, comandando o desenvolvimento de toda a sua argumentação, tem-se uma concepção de tempo histórico cindida em duas categorias, assim opondo o presente ao passado. Pela consideração dessa dualidade temporal, toda uma trama de configurações antitéticas opõe as possibilidades de constituir um conhecimento acerca das ações dos homens, caso elas respeitem precipuamente ou ao passado ou ao presente.

Três ordens de tramas podem assim ser distinguidas.

1. As tradições respeitantes aos tempos passados, cujas memórias foram transmitidas pelos poetas e pelos logógrafos, sedimentam percepções antes opacas das ações dos homens, na medida em que são obnubiladas por

40. Para maiores indicações a respeito destas questões confira-se nosso ensaio *A Retórica do Método: Tucídides I.22 e II.35*, publicado em *Mithistória* (1999: 277-292) e em versão em inglês em *The Ancient History Bulletin* (1998: 106-112). A análise dos delineamentos (alcance e limitações) da operacionalidade do *tekmérion* tucidideano, por ele referido mais especialmente em I.21 (também retomada no excursus desenvolvido sobre a derrubada dos Pisistrátidas no livro VI) e exercitada nos arrazoados constitutivos da “Arqueologia”, será objeto de um próximo ensaio em que contraporemos as considerações firmadas por Tucídides àquelas pressupostas por Sófocles na cena inicial do *Ájax* (confira-se nosso ensaio *Ájax, Atena e os (des)caminhos da métis*, incluído em *Mithistória* (1999: 51-78)).

aderências de camadas de sobreposições míticas que, assim espessas com o passar do tempo, as deformam, deturpam, falseiam. Assim, quer os poetas as dotam de embelezamentos engrandecedores em atendimento às finalidades apologéticas de celebração do heróico nelas retratado, quer os logógrafos as enviesam por concessões feitas aos agrados de seus públicos, de ouvidos antes afeitos ao que é grandioso e maravilhoso. O saber acerca do humano, a verdade de suas ações, é, portanto, perdido, porque se a pretere pelo fantasioso, ou sobre-humano ou in-humano, do mítico. As tradições respeitantes aos tempos passados valem para os homens fruições fugazes de entretenimentos prazerosos de públicos ocasionais, quer por declamações de aedos quer por récitas de logógrafos. Assim, ambígua (des)valia, encerrada pelo efêmero de sua oralidade de palavras lançadas ao vento, que se dissipa concomitante ao momento mesmo em que é consumida sua realização. Ambígua (des)valia humana, que porta em si o estigma da futilidade. O mítico do passado nega o saber.

Já o saber acerca do tempo presente, cuja memória Tucídides registra em texto escrito, dispõe, pelo contrário, uma percepção clarividente, translúcida e cristalina, das ações dos homens, que, apreendida na contemporaneidade atual de sua efetivação, pode revelar a verdade das práticas e das vicissitudes históricas a que elas estão sujeitas. Obra de gravidade austera, justamente porque recusa os desvios míticos que perdem a razão, assim sacrificada em prol de deleites espúrios. Por esta singular composição narrativa tucidideana, o saber acerca do mundo humano, a verdade de suas ações e procedimentos, é consagrado, fixado para sempre pela escrita de um texto. O que lhe confere uma sua valia cognitiva vindoura permanente, enquanto e porquanto os modos humanos de agir persistirem semelhantes ou análogos. A *suggrape* tucidideana voltada para o tempo presente consagra o saber.

2. A memorização pública das tradições concernentes aos tempos passados se dá por mero acolhimento generalizado da versão corrente, por pura aceitação indiscriminada, assim indiferente aos reclamos da veracidade, então obliterados. Trata-se de uma memorização imediata, inerente à sua própria transmissão. Memorização, assim, perpetrada por espíritos negligentes e desleixados, justamente porque descuidam, ignoram, a resolução das aporias que o imperativo da verdade coloca. Via humana viciosa de (não) lidar com os fatos de sua própria práxis, que, assim, consagra a ignorância e os erros, tanto porque eivada de indolência, já que acostumada aos modos da automaticidade, passiva e fácil, do viver, nada afeitos às diligências árduas do trabalho penoso, quanto porque contaminada por credulidade infantil, já que também cede, se entrega, às suas inclinações inscientemente propensas pelo mentiroso, assim inoculado pelas maravilhas que o mítico das tradições dos tempos passados prodigaliza. Via fútil de teleologia hedonística, em que o humano se entrega ao prazer efêmero dos entretenimentos, todo consumido pela fugacidade de suas

ser considerado adequadamente uma situação de paz, pois as duas cidades não restituíram nem receberam tudo a que se comprometeram. Além do mais, houve violação do tratado por ambas as partes nas guerras em Mantinéia e Epidauró, bem como em outras ocasiões; também não havia menos hostilidade que antes entre os aliados na Trácia, e os beócios observaram uma trégua que tinha de ser renovada de dez em dez dias. Portanto, incluindo a guerra dos primeiros dez anos, a trégua duvidosa subsequente e a guerra posterior à trégua, teremos computado, segundo as estações do ano, o número de anos que mencionei e mais alguns dias. Aqueles que se baseiam nos oráculos para fazer as suas afirmações, verão também que este critério adquiriu foros de verdade, pois sempre – tanto quanto posso lembrar, desde o início até o fim da guerra, muitos disseram que ela iria fatalmente durar três vezes nove anos. Vivi a guerra inteira, tendo uma idade que me permitia formar meu próprio juízo, e segui-a atentamente, de modo a obter informações precisas. Atingiu-me também uma condenação ao exílio que me manteve longe de minha terra por vinte anos após o meu período de comando em Anfípolis. E, diante de minha familiaridade com as atividades de ambos os lados, especialmente aquelas do Peloponeso em consequência de meu banimento, graças ao meu ócio pude acompanhar melhor o curso dos acontecimentos. Relatarei então as divergências surgidas após os dez anos, e o rompimento da trégua e as hostilidades supervenientes.

O tempo presente, em sua acepção objetiva, respeita à temporalidade da Guerra entre Peloponésios e Atenienses, pontualmente demarcada por seus acontecimentos desencadeadores de início, eclosão, e consumidores de fim, encerramento. O princípio da guerra é marcado pelo rompimento da Trégua dos Trinta Anos, assim primeiro efetivado pelo episódio do cerco tebano a Platéias enquanto ambíguo tempo de transição entre paz e guerra (como refletido pela narrativa tucidideana), depois plenamente configurado em estado de guerra pela primeira invasão da Ática pelo exército peloponésio. O fim da guerra é, dadas as vicissitudes de uma obra inconclusa em sua narração, apenas assinalado, quer por indicação cronológica (27 anos de duração da guerra), quer por alusão factual (a tomada dos Longos Muros e do Pireu pelos lacedemônios).

O tempo presente, em sua acepção subjetiva, comporta um aspecto pessoal, respeitante ao tempo da vida de Tucídides. Não se trata, porém, tanto de um tempo biográfico, demarcando a longevidade de existência de uma pessoa, do nascimento à morte, e sim, antes, de um tempo de ação qualitativa de observação dos acontecimentos, a reclamar de seu sujeito certas condições respeitantes antes à sua persona historiográfica (maturidade de espírito e disponibilidade circunstancial de atuação de observador).

A escrita da história tucidideana supõe, então, a concomitância e a conjunção destas duas temporalidades, objetiva mais subjetiva. Obra, conseqüentemente, singular, única. Ela supõe tanto o tempo de um objeto

particular, o da guerra entre peloponésios e atenienses, quanto o tempo de uma *persona* historiográfica, nomeada Tucídides de Atenas. Uma história assim única porque ela se funda na feliz coincidência entre estes dois tempos. De maneira que a *areté* de grandiosidade superlativa da guerra, que faz dela objeto digno de registro, encontra plena correspondência na *areté* cognitiva do historiador, então no ápice de sua capacidade intelectual de figuração heróica.

Obra, assim, unívoca de um singular sujeito histórico, nomeado Tucídides de Atenas, a história, por ele e com ela, antes se encerra, pois tenciona projetar seu saber para todo o porvir da humanidade:

E para o auditório, talvez, o caráter não fabuloso dos fatos parecerá menos agradável. Mas, a quantos desejarem observar com clareza os acontecimentos ocorridos, e também os futuros que então novamente, conforme o modo humano, ocorrerão semelhantes ou análogos, julgarem tais coisas úteis, será o bastante. Constituem uma aquisição para sempre, antes que uma peça para o auditório da ocasião.

Uma vez fixada por escrito a história de Tucídides, a compreensão das ações dos homens, enquanto e porquanto eles perdurarem os mesmos modos, semelhantes ou análogos, de comportamento, dispensa qualquer outra obra que as registre e (re)escreva.

O que teria Tucídides querido dizer ao apontar uma tal persistência imutável dos modos de comportamento da natureza humana no percurso de sua trajetória histórica? A história dos homens se repete, os fatos históricos podem ser previstos? E o saber clarividente que a história de Tucídides proclama ter alcançado sobre eles no decorrer da guerra do Peloponeso projetaria sua valia para a humanidade ao dispor-lhe as lições que permitiriam aos homens corrigir, pela história futura, os erros da(s) passada(s)? Ou uma tal virtuosidade sapiencial de vocação política, assim afiançada para a exemplaridade das histórias passadas, teria a mesma ambígua (in)eficácia em direcionar os atos humanos que aquela aventada para o mito contado por Fênix a Aquiles? E o que implicaria a exclusão do mítico para a definição de uma tal obra de saber clarividente?

A todas essas interrogações, e mais outras conexas, a obra mesma de Tucídides responde apenas pelas indeterminações dos silêncios de sua escrita. As indagações que então almejem plenificar as respostas deixadas no vazio por Tucídides devem emprestar-lhe suas próprias vozes, atualizadas em outros tempos e supondo outras histórias. Tais vozes ecoam Tucídides já por mais de dois milênios sem que se encerre o debate, dividido pelas polêmicas de um Tucídides ou cientista ou artista, ou realista pragmático ou sábio moralista. Ao que parece, indício tanto da prolixidade de seu silêncio (Clément Rosset) quanto da perenidade de seu saber histórico. Mas perenidade de um saber tanto mais



ironicamente paradoxal por sua valia assim sempre atualizada na medida mesma em que os modos do portar-se humano permanecem imunes a suas lições, antes do que com elas aprendam. Talvez os homens não aprendam pelas lições do saber tucidideano de modo a assim corrigirem-se evitando os erros por ele apontados, como o lembra Chateaubriand numa passagem do *Gênio do Cristianismo* (“Thucydide retraça avec sévérité les maux causés par les dissensions politiques, laissant à la postérité des exemples dont elle ne profite jamais”). Tanto mais valiosa, então, sua história, pois, então, sempre atual.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BABUT, D. L'Épisode de Pylos-Sphactérie chez Thucydide: l'agencement du récit et les intentions de l'historien. *Revue de Philologie*, 60.1 (1986): 59-79.
- BAUSLAUGH, R. A. Thucydides IV.8.6 and the South Channel at Pylos. *The Journal of Hellenic Studies*, XCIX (1979): 1-6.
- BURROWS, R. M. Pylos and Sphacteria. *The Journal of Hellenic Studies*, XVI (1896): 55-76.
- BURROWS, R. M. Pylos and Sphacteria. *The Journal of Hellenic Studies*, XVIII (1898): 147-159.
- BURROWS, R. M.; Mr. G. B. Grundy on Pylos and Sphacteria. *The Journal of Hellenic Studies*, XVIII (1898): 345-350.
- GOMME, A. W. *A Historical Commentary in Thucydides*. Volumes 1 a 4, Oxford, Clarendon Press, 1945-1956.
- GRUNDY, G. B. An Investigation of the Topography of the Region of Sphacteria and Pylos. *The Journal of Hellenic Studies*, XVI (1896): 1-54.
- GRUNDY, G. B. Battles Ancient and Modern. *The Journal of Hellenic Studies*, XVIII (1898): 232-237.
- HARTOG, François et CASEVITZ, Michel. *L'Histoire d'Homère à Augustin*. Paris, Seuil, 1999.
- HORNBLOWER, S. *A Commentary on Thucydides*, v. II, Oxford, Clarendon Press, 1996.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise*. Uma Contribuição à Patogênese do Mundo Burguês. Tradução de Luciana Villas-Boas Castelo-Branco, Rio de Janeiro, Contraponto, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. *L'Expérience de l'Histoire*. Traduit de l'Allemand par Alexandre Escudier, Paris, Gallimard, 1997.
- KOSELLECK, Reinhart. *Le Futur Passé*. Contribution à la Sémantique des Temps Historiques. Traduit de l'Allemand par Jochen Hoock et Marie-Claire Hoock, Paris, EHESS, 1990.
- MURARI PIRES, Francisco. *Mithistória*. São Paulo, Humanitas, 1999.
- MURARI PIRES, Francisco. The Rhetoric of Method. *The Ancient History Bulletin* 12.3 (1998): 106-112.
- PRITCHETT, W. Kendrick. *Essays in Greek History*. Amsterdam, J.C. Gieben, 1994.

- RAS, Marcel and Hendri SCHUT. Biography of William Martin Leake (<http://esf.niwi.knaw.nl/esf1996/leake/html/bio.htm>).
- RHODES, P. J. *Thucydides. History IV,1-V.24*. Warminster, Aris and Phillips, 1998.
- SCHEPENS, G. *L'Autopsie dans la Méthode des Historiens Grecs du Vème siècle avant J.C.*, Brussel, 1980, 172p.
- SHRIMPTON, G. S. Accuracy in Thucydides. *The Ancient History Bulletin* 12.3 (1998):71-82.
- SPEAKE, Jennifer. The Literature of Travel and Exploration. An Encyclopaedia. Sample Essays ([http://www.fitzroydearborn.com/london/trav\\_samples.htm](http://www.fitzroydearborn.com/london/trav_samples.htm)).
- STRASSLER, R. B. The Harbor at Pylos, 425 BC. *The Journal of Hellenic Studies*, 108 (1988): 198-203.
- STRASSLER, R. B. The Opening of the Pylos Campaign. *The Journal of Hellenic Studies*, 110 (1990): 110-125.
- TREDÉ, M. Akribeia chez Thucydide. *Melanges Delebecque*, 1983: 407-415.
- WILSON, J. B. *Pylos 425 b.C.* Warminster, Aris and Phillips, 1979.